BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

A REPUBLICA

DAS LETRAS

PERIODICO MENSAL DE LITTERATURA

DIRECTOR — JOÃO PENHA

ADMINISTRADOR — ALFREDO CAMPOS

N.º 1 — PRIMEIRO ANNO — ABRIL

R. 73

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancella Velha, 62

1875

Introducção

Os prologos mais curtos são os melhores, e a razão é simples. Os livros da época actual, minguados no tomo, limitados em numero, e succintos na exegese e explanação das materias, nada tem de commum com as obras prodigiosas dos theologos e jurisprudentes dos seculos passados, vastas necropoles das idéas de civilisações extinctas.

Á exuberancia prolifica dos velhos letrados, succedeu a impotencia geradora dos escriptores modernos; de sorte que, se para as obras d'uns, profundos oceanos de palavras, onde os leitores eram Colombos e Gamas, eram de necessidade extensos prologos, que fossem bussola de viagens sempre tormentosas, e raras vezes concluidas, — para as obras dos outros, obras comesinhas e pouco volumosas, essa necessidade desapparece absolutamente, pois que o prologo d'um livro conciso não é mais que a synthese d'outra synthese.

Nós porém, neophytos de religiões ainda ha pouco desconhecidas, e prégadores de theorias novas, ainda não conseguimos desprender-nos completamente da religião do passado, dos velhos costumes de nossos paes.

*

Quantas vezes nos não pavoneamos de rabicho!

Um d'esses costumes obsoletos é o de não publicarmos livros sem que vão adornados com a inevitavel excrescencia dos prologos; não obstante, subjugados pela força das circumstancias, reduzimol-os, quasi sempre, a proporções microscopicas: é que obedecemos ao principio incontestavel de que, na época actual, a haver prologos — os mais curtos são os melhores.

Já assim não será nas épocas futuras.

O descobrimento e applicação de novas machinas á arte typographica; e o adiantamento prodigioso das sciencias e das artes, terão por effeito necessario uma tal abundancia de livros, que nem João dos Tempos, o legendario macrobio da India, se n'essas épocas vivesse, conseguiria catalogar, em toda a sua existencia, as unicas publicações d'um anno.

Os homens futuros, obrigados a seguir o movimento do seculo em que viverem para não ficarem estacionarios em meio do caminho do progresso, terão de se entregar, logo desde a infancia, ao estudo das velhas sciencias, e das sciencias novamente descobertas; mas como sobre cada ramo dos conhecimentos humanos haverá escripto um numero portentoso de livros, será adoptado o systema logico de reduzir a leitura d'esses livros á leitura de seus prologos; — systema já hoje seguido por grande numero de eruditos officiaes e authenticos.

Os prologos, então, parasitas dos livros, ganharão em volume o que estes forem perdendo em substancia; e tempo haverá, naturalmente o das virgens-mães de Augusto Comte, em que este ideal chegará a ponto que os livros constarão de um prologo, d'umas folhas em branco... e da taboa das materias!

Distante, porém, d'essas épocas de luz, e obrigado a respeitar os costumes do nosso tempo, compete-nos executar n'este lugar a symphonia de abertura d'esta nova publicação.

Mas, — fallece-nos a coragem: a symphonia d'uma opera illimitada seria tão incomprehensivel, mysteriosa, e confusa como as harmonias cahoticas do maestro d'Hoffman, na *Re-*

beca de Cremona; e mais longa, talvez, que as noites de Lamego, que são como as noites hyperboreaes.

Diremos, comtudo, suspendendo por agora a lyra silenciosa n'uma olaia do Permesso, que novas musas da arte nos prophetisam solemnes um futuro honroso nas vastas regiões das letras.

Confiâmos n'este augurio feliz.

Livres de todos os preconceitos, e reunidos fraternalmente n'esta *Republica,* que hoje fundamos, e onde todos seremos iguaes perante a honrosa dignidade que provém do trabalho, iremos levantando, pedra a pedra, como o velho Salomão da Biblia, o templo de marmore dos nossos ideaes.

Bons e justos, procuraremos nos antros da sociedade moderna os miseraveis da fome, e os miseraveis da opulencia, e levaremos, a uns, a consolação dos nossos cantares de renâscimento; e, aos outros, o fel amargo das maldições populares; —poetas do amor, e homens do seculo, nas salas dos festins ruidosos, coroadas as frontes, celebraremos a suprema formosura das Galatêas, das Julietas, e das Ophelias de nossos dias; e, erguidas as taças, entoaremos o côro turbulento das francas alegrias da mocidade.

Confiemos, por tanto, no augurio feliz das novas musas da arte.

15 de março de 75.

João Penha.

A POESIA LYRICA EM HESPANHA

Muitos são os poetas populares que hoje em dia estão honrando a Hespanha. Manoel del Palacio, A. Hurtado, Campoamor, Puerta Vizcaino, Trueba, D. Rozalia Castro de Murgia, a Sapho maviosa da Galliza, e outros de que promettemos fallar n'outro lugar, gozam de justissimo renome a par dos mais afamados trovistas da Europa. Porém, entre os poetas do povo algum existe que muito se avantaja pela correcção do desenho, pelo brilho do colorido, pela sobriedade dos ornatos, pela escolha dos assumptos, pela castidade da moral, e finalmente pela *verve* profundamente nacional. É D. Ventura Ruiz Aguilera, o poeta a quem chamam o Béranger hespanhol. Merecidamente, em verdade, como havemos de provar, não com encomios de amigo, se bem que estreita amizade nos ligue a Aguilera, senão com argumentos deduzidos do valor intrinseco de suas obras.

Nasceu na cidade de Salamanca a 2 de novembro de 1820. Estudou medicina em a universidade patria e graduou-se de licenciado em Valhadolid. Aos dezeseis annos se representaram com applauso em Salamanca dous dramas seus, intitulados: *Los bandos de Salamanca* e *Honra por honra,* os quaes não chegaram a imprimir-se. Aos dezoito annos dirigiu a *Lira del Tormes,* semanario em cuja redacção o acompanharam varios estudantes. Aos vinte e tres passou a Madrid, abandonando o exercicio da medicina, para se dedicar ás letras. *El clamor publico* e *El Fandango* periodicos, politico o primeiro e litterario o segundo, publicaram, aquelle, a sua composição a *Ve-*

neza, precedida de um grande elogio da redacção, este, a sua satyra *A Conquista da Gloria,* trabalhos que desde logo lhe deram nome entre os poetas contemporaneos, não obstante serem já conhecidas e celebradas as composições a *Veneza* de Zorrilla e de Tasara. Publicou depois varias poesias soltas, e desde 1845 até fins de 54 gastou seus cuidados e ocios na imprensa politica, já como folhetinista, já como director. Os diarios em que escreveu durante a referida época foram *El nuevo espectador* e *La Prensa,* que se distinguiram por suas idéas avançadas. Em 1848 foi um dos cinco ou seis commissionados pela imprensa progressista para pedir, á então rainha, que não subscrevesse o decreto de suspensão das garantias individuaes, apresentando-se por tal motivo no palacio.

Em consequencia d'este passo, bem como por seus trabalhos de conspiração, e por ser o periodico que elle redigia, *La Prensa,* o unico de suas idéas, que não quiz suspender a sua publicação, foi arrancado do seu domicilio pela policia, ás quatro horas da manhã; encerrado em uma especie de calabouço, atado, pulso com pulso, a outro companheiro e conduzido entre guardas civis a um *olvido,* especie de *in pace* do carcere da côrte, d'onde ao cabo de muitos dias foi desterrado para Castellon de la Plana e posteriormente para Alicante. Em Castellon deu a lume *Un conspirador de á folio,* novella humoristica que pinta bem ao vivo qual era a segurança individual n'aquelles calamitosos tempos, e ainda outro livro allusivo áquellas circumstancias, de collaboração com D. Agustin Mendia, *Historia da revolução europêa de 1848,* em que, attentas as circumstancias especiaes da politica com a peninsula, e as do author, denotava um valor a toda a prova.

No seu desterro de Alicante fundou e dirigiu com o dito snr. Mendia o periodico litterario *Los hijos de Eva,* em que collaboraram os principaes escriptores de Hespanha, as duas primeiras edições dos *Ecos nacionales,* que podiam custar-lhe caro por serem um protesto energico contra tudo o que então acontecia na esphera politica e social, ao passo que, em muitos dos seus cantos, bem alto chamava o povo á revolução, cantos que em pouco tempo o fizeram popular, não só porque defendia a causa do povo, mas tambem porque iniciava uma verdadeira revolução na poesia lyrica contemporanea hespanhola. Alli deu tambem á estampa a sua collecção de *Satiras.* Lá de Alicante collaborou no periodico democratico *La Reforma* (1.ª época).

Repatriado, emfim, e já posto em socego redigiu em Madrid o periodico *La Nacion* (1.ª época), e *El Sueco,* que fez tremenda guerra aos que então se chamavam polacos. Não gostando Ruiz Aguilera do calor que alguns artigos iam dando a este periodico, fundou, aproveitando-se da subscripção do *El Sueco,* com o infeliz Xisto Camara o periodico democratico *La Tribuna del pueblo;* sendo pouco depois redactor de *La Europa* (1.ª época), jornal suspenso por Bravo Murillo

aos quatorze annos da sua publicação, primeiro exemplo de semelhante escandalo em Hespanha. Fundada a *Iberia*, escreveu n'ella até que, realisado o pronunciamento de 1854, foi nomeado auxiliar do ministerio da governação. Dirigiu em 1856 *Los Postres*, e de 1867 a 1869 *El Museo universal* de Gaspar Roiz. Foi collaborador da *Soberania Nacional* de Fernandes de los Rios, do *El Universal* do snr. Asquerino, de *La Nacion*, *Las Novedades*, *La Iberia* e de muitos outros periodicos.

Além das obras mencionadas é author das seguintes: *Veladas poeticas*, *Elegias*, *Armonias y cantares*, *Inspiraciones*, *La Arcadia moderna*, *El Mundo al revés*, *Proverbios esemplares*, *Limones agrios*, *El Libro de la patria*, *Cuentos del dia*, etc. Propõe-se o snr. Aguilera concluir a terceira parte dos *Proverbios*, e fazer uma popular e economica edição de todos os seus *Cantares* e *Ecos nacionaes*.

Igualmente devemos á sua penna, entre outras producções dramaticas, escriptas de collaboração, os dramas em um acto, *Camino de Portugal*, *La Limosna y el perdon*, e *Flor marchita*, representados com grande exito. Segundo fomos informados tem o snr. Aguilera um drama inedito intitulado *Los Martyres del hogar*. São notaveis os artigos de Aguilera insertos nos semanarios e revistas scientificas e litterarias da peninsula, taes como a *Revista hespanhola*, a *America*, a *Chronica de ambos os mundos*, o *Semanario Pintoresco*, a *Revista hispano-americana*, o *Seculo XIX*, o *Figaro*, etc.

Tomou parte muito activa na redacção do *Diccionario enciclopedico de la lengua española*, de Gaspar y Roiz; no *Panteon universal*, de Ayguals; nos trabalhos preparatorios de um grande diccionario hespanhol de sciencias medicas e naturaes, que intentou publicar o estabelecimento typographico dos snrs. Madoz e Sagasti; e collaborou no *Diccionario juridico administrativo*, de Massa y Sanguineti.

Este nome que veio casualmente encontrar-se com o de Aguilera, é de tal modo notavel que não devemos deixar de consagrar-lhe algumas palavras de justiça.

Carlos Massa y Sanguineti, natural de Madrid, e homem hoje dos seus cincoenta annos, deu logo em verdes annos annuncio de promettedor engenho. Aos vinte annos dirigia o periodico progressista *El Patriota*, de que era proprietario o snr. Prato. Este jornal era o orgão da regencia de Espartero. D'este insigne caudilho compoz e publicou Sanguineti a biographia, bem como a do infeliz general Leon. Entregue do coração ás lides politicas, confirmou o seu talento e convicções nos periodicos liberaes: *Clamor publico*, *Espectador*, *Opinion*, e *La Tarantula*, onde tomou parte muito activa. Quando chegou a seu termo a revolução de setembro estava elle dirigindo a *Iberia*, onde prestou relevantes serviços durante a lucta dos progressistas contra os isabelistas. Deixou, porém, a redacção para ir á provincia de Malaga to-

mar posse do lugar de governador civil. Identico emprego exerceu na provincia de Burgos, d'onde foi transferido para Santander.

Em attenção aos seus conhecimentos juridicos, foi nomeado promotor fiscal de um dos julgados de Madrid, sendo advogado muito notavel do illustre collegio matritense.

Os trabalhos do fôro, e os encargos das differentes provincias da administração publica, bem como as lides da imprensa politica não poderam desvial-o completamente das fainas da amena litteratura. Attestam-no os periodicos litterarios que redigiu: *Minerba, El eco de la juventud,* e outros onde escreveu notaveis artigos de costumes e não poucas composições poeticas, distinguindo-se por sua facilidade no romance e no soneto, e merecendo os applausos d'alguns criticos por sua facil improvisação.

Com os seus amigos de infancia Carretero, Maquivar, Recio, Martinez e Asencio, fundou a academia escolastica de Madrid, intitulada *Emulacion.*

Em premio dos bons serviços por elle prestados á causa da liberdade e do alto merecimento revelado no seu *Diccionario,* foi nomeado pelo governo de Madrid chefe de administração, no qual lugar se houve com zelo e sciencia. Póde, com tudo, dizer-se que o principal titulo de gloria do snr. Sanguineti promana d'aquella obra, grande, séria e completa em quatro tomos in-4.°, unica em seu genero em toda a peninsula.

A cruz de Carlos III que pende do peito do illustre jurisconsulto não vale metade do que merece o engenhoso talento de Sanguineti.

Reatando agora a biographia de Aguilera, acima interrompida, notemos já que a educação litteraria de Aguilera muito se opulentou com os conhecimentos que adquiriu das linguas grega, latina, italiana e principalmente franceza, pois teve occasião de vêr em todo o seu esplendor e originalidade os eternos monumentos do bello, que lhes foram lição e norma. Singularisámos a lingua franceza muito de proposito.

Do francez trasladou para castelhano avultado numero de obras scientificas, religiosas, historicas, philosophicas, moraes e de amena litteratura em tempos em que a escacez de editores para as producções originaes obrigava os litteratos hespanhoes a procurar meios de subsistencia n'esta especie de trabalhos, em nenhum dos quaes, poz nunca seu nome pela escassa importancia que sempre ligou a taes occupações, á excepção d'uma só, que teve de firmar com o seu nome porque a lei o obrigava.

Aguilera foi voluntario da milicia soberana (como então se chamava a nacional) durante os primeiros annos da regeneração politica de Hespanha até á dissolução d'aquella força em 1843, e sahiu duas vezes a bater os inimigos da liberdade.

Tem a cruz do pronunciamento de Cidade Rodrigo em 1840, contra cuja praça sahiu com varias forças de Salamanca. Possue tambem a chamada das barricadas do anno 54 em Madrid; a de cavalleiro da ordem de Leopoldo da Belgica. Em 1855 optou pelo accesso no seu emprego de auxiliar do ministerio da governação, em vez de aceitar a commenda de Carlos III, que lhe foi offerecida em recompensa dos seus serviços, e perseguições soffridas em 1848.

Mais tarde, o snr. Martos o agraciou com a commenda de Isabel a Catholica, premio, como a de Leopoldo, de seus meritos litterarios. É membro de varias academias e corporações, e entre ellas da *Academia de Buenas Letras* de Sevilha e de Barcelona; socio da junta directora da sociedade hespanhola abolicionista da escravatura; da associação para o progresso das sciencias sociaes; secretario da secção de letras e artes da mesma; co-fundador das conferencias dominicaes sobre a educação da mulher, na universidade central; um dos arbitros no certame poetico celebrado pela sociedade abolicionista hespanhola em 1866; e socio honorario do atheneu de senhoras.

De 1854 a 1856 serviu no ministerio da governação, chegando como vimos, a auxiliar-mór; feita a revolução de setembro, foi immediatamente nomeado chefe da administração de terceira classe, e depois de ter chegado a segundo official no mesmo ministerio, passou a dirigir o museu archeologico nacional, estabelecimento este que elle faria um dos primeiros da Europa, se as vicissitudes politicas o não houvessem desviado d'alli para outro emprego das suas grandes faculdades.

Ao tempo que escrevemos estes biographicos apontamentos está o snr. Ventura Ruiz Aguilera preparando uma nova edição das suas obras poeticas, das quaes já possuimos tres grossos volumes, no primeiro das quaes nos deu elle *Ecos nacionaes y cantares,* no segundo *Elegias y Armonias,* e no terceiro *Libro de las Satiras.*

Apesar das agitações de uma vida tempestuosa, como é a de quasi todos os homens publicos de Hespanha, nunca Ventura Ruiz Aguilera deixou sossobrar o engenho poetico, antes ia cobrando forças ao compasso das contrariedades, que sendo para muitos motivo de desalento, para este lhe servia de estimulo. Aguilera foi como os antigos cavalleiros que procuravam as difficuldades das luctas pelo desejo e gloria de as vencerem. Costumado a soffrer com o povo, amou-o e cantou-o: por isso Aguilera é um poeta revolucionario e popular. As suas melhores estrophes são aquellas em que defende o povo d'alguma grande injustiça, ou com elle chora alguma calamidade nacional, quando não vai elle proprio á officina do trabalho levar-lhe a esmola da esperança e da consolação, ou ensinar-lhe os santos dogmas dos seus naturaes direitos e deveres.

O grande merito das poesias de Aguilera está no avultado numero de traducções que d'ellas se fizera em Portugal, na França, na In-

glaterra, na Italia e na Allemanha. São muitas litteraturas que d'este modo galardoam o poeta corajoso, que nunca deixou de firmar com a responsabilidade do seu nome o que escrevia em nome da liberdade e dos principios democraticos, n'uma época em que andavam accesas e sangrentas as perseguições á familia liberal. Aguilera pôde entoar o sabido verso:

Nunca mi voz adormeció tiranos.

O author da *Leyenda de noche-buena* é chamado em Hespanha o Béranger hespanhol, certamente em attenção ao caracter nacional e popular dos seus *Ecos nacionaes,* que tantos e tantos imitadores já contam; com tudo sem querermos disputar o merecimento do poeta francez pela simples razão de ser indisputavel, devemos dizer que, em quanto á elevação e pureza das idéas, o poeta hespanhol é superior. A musa de Béranger é em geral solta, como qualquer bacchante, licenciosa, como qualquer rameira, e por vezes d'um cynismo repugnante; pelo contrario a de Aguilera, nem ainda nos humoristicos quadros da *Arcadia moderna,* nem nas *Satyras,* se prostitue ou se rebaixa a enaltecer actos indignos, nem tão pouco a provocal-os. Isto pelo que diz respeito aos conceitos, por quanto relativamente á fórma apenas se assemelham no *estribilho,* convindo notar aqui que, muito antes de Béranger usar d'aquelle artificio, foi usado nos cancioneiros hespanhoes e posteriormente por Quevedo, Gongora, Esquilace, e outros.

Que nos não enganamos na analyse da indole e caracter das poesias de Aguilera, vem attestal-o o testemunho d'um critico notavel do reino visinho, o snr. D. José Alvarez que escreveu no *Museo universal* a respeito das *Armonias y cantares* as seguintes linhas:

«As obras do snr. Ruiz Aguilera possuem a qualidade tão preciosa como rara (mórmente nos nossos tempos) de corresponderem ao sentimento e ao gosto artistico de todas as classes sociaes, qualquer que seja a sua educação litteraria. O espirito elevado de genialidade e phantasia acha n'ellas uma inspiração grandiosa, que tira de todas as cordas do coração sonorosas notas, porque em todas desperta um accorde poderoso e universal. O povo responde com enthusiasmo aos echos varonis em que o author de suas queridas memorias e de seus ingenitos affectos, lhe offerece o seu mesmo ideal concebido na santa communhão da patria, fortalecido por uma personalidade vigorosa e depurado com a liberdade e galhardia da arte a mais delicada. O homem culto, apaixonado da pureza e correcção das fórmas classicas, sente alli reviver Virgilio e o mestre Leon, vivificados pela seiva moderna.

« A mulher e o adulto, a criança e o velho contemplam, objectivados alli, todos os sonhos que, como fogos fatuos, sentem cruzar pela

mente, sem que deixem conta clara das suas rapidas commoções. Isto acontece assim porque o snr. Ruiz Aguilera não é um rimador vulgar e erudito, mas um poeta de senso, humano, comprehensivo, real, de inspiração fervente e magestosa, de espirito cultivado nos sãos estudos, que se admira nas academias, enternece nos salões e se canta nas praças publicas.

«Tem duas partes o novo livro do snr. Aguilera. A primeira intitulada *Armonias* contém cinco poesias lyricas de incontestavel valor. Serenas contemplações da natureza e do espirito, como o author as chama, não se sabe qual mais sobresahe, se o intimo e profundo senso que penetra nas bellezas d'aquella, se a religiosa commoção que o eleva a Deus nas azas da piedade christã; a serenidade com que volve os olhos para o espectaculo interior das suas dôres, ou o puro e livre olhar que estende á vida passageira do homem. A segunda comprehende cento e setenta e seis cantares de differente intenção, genero e fórma, entre os quaes os ha de uma formosura tão acabada que parece insuperavel. Notaveis são estes cantos, caracterisados por um sabor tão popular, que muitos d'elles já andam incorporados na litteratura do povo, que os conservará no inesgotavel arsenal de suas recordações. Porém o que em nosso entender levanta o snr. Aguilera á altura dos primeiros lyricos das primeiras litteraturas, são as *Armonias*, pequenos poemas cheios de fé e de consolações, tão ternos como os de Schiller, tão profundos como os de Byron, tão bellos e perfeitos como os de Gœthe.»

O distincto prosador Francisco Zea, fallecido na flôr dos annos, publicou em 1849 um excellente estudo dos *Ecos nacionaes* de Aguilera, a quem chama com justa razão o poeta da religião e da patria, e acrescenta que não conhece na poesia hespanhola poeta algum superior a Aguilera na intenção revolucionaria de prégar n'um seculo a tantos respeitos infamado — a caridade, a virtude, o trabalho, a protecção aos que servem a patria e por ella sacrificaram tranquillidade, juventude e haveres.

D'esta opinião é Benito Perez Goldós, Jimenez Serrano, Manuel Rivera Delgado, Francisco Giner, Laverde Ruiz, Federico Villalva, e Eugenio Maria Hostos, de cujos artigos transcriptos nos tres volumes da nova edição dos versos d'Aguilera, concluimos que bem merecidos são todos os louvores que se devem ao poeta hespanhol, que não só está honrando a sua patria, mas a humanidade.

Para nós o snr. Aguilera é um poeta christão, que reconhece que nem o cidadão nem a cidade podem viver sem fé; por isso o vemos incansavel em ungir com os balsamos da fé e da esperança e da caridade todos os seus cantos patrioticos. Foi este facto que fez dizer ao consciencioso critico D. Gumersindo Ruiz na *Revista Iberica*: «Aguilera pertence ao pequeno numero dos poetas para quem o lar domestico é um sanctuario e a familia um culto. Em seus versos tu-

do é puro e casto.» Depois compára-o ao patriarcha da escóla Salmantina, o celebre Fr. Luiz de Leão, que soube alliar a perfeição das fórmas gregas com a philosophia christã. Sob este ponto de vista, Aguilera, o poeta christão, sabe fortalecer com o exemplo, honrando a crença que transluz nos seus versos. Homem, no dizer de Goldós, de suaves costumes, de modesta vida, de ameno e delicadissimo trato, este poeta sabe professar a amizade mais pura, e possue o sentimento da familia na sua mais exquisita fórma. Tem alguma cousa de patriarcha sem ser velho, e é d'esses entes feitos para serem queridos de todos, ainda que não é criança. O seu livro das elegias *El dolor de los dolores,* precedido d'um elegante prefacio de Carolina Coronado, é a mais alta revelação dos sentimentos religiosos de Aguilera e talvez a sua composição mais profundamente sentida.

Motivada pela prematura morte de sua filha, a sua *dulce* Elysa, parece que foi esta poesia escripta com o sangue do proprio coração do poeta, tão verdadeiro é o sentimento e tão ajustada a fórma. Aguilera veio desmentir a phrase de Lara, que era como que um protesto contra o convencionalismo da escóla romantica «para que havemos de escrever cousas em que não crê nem quem as escreve, nem quem as lê?» Felizmente a elegia de que fallamos foi sentida e crida por quem a escreveu e por quem a leu, aliás não poderiamos comprehender o renome que d'ahi veio a Aguilera, não só em toda a Hespanha, senão nos paizes estrangeiros, onde appareceram logo muitas traducções em prosa e em verso de tão sublime composição. Repetimos; o que ha de mais terno no seio da familia, o que ha de mais puro no amor e na saudade, o que ha de mais exquisito no sentimento paternal, o que ha de mais santo e mais elevado no christianismo, a religião da dôr e do conforto, da saudade e da esperança — tudo alli apparece sob uma luz nova, em amoravel convivio de idéa e de fórma.

Mas Aguilera não é um simples poeta christão, como o foram S. João da Cruz, Fr. Luiz de Leão, S. Theresa, e os outros poetas mysticos, é, sobre tudo, um poeta revolucionario, como o devem ser os do seculo XIX, que não podendo abstrahir do tempo em que vivem teem de entoar os hymnos do progresso, embora o façam acompanhados pelo estrondear dos krupps. Alli estão os *Ecos nacionaes* para attestar que Aguilera comprehendeu o seu seculo e principalmente qual a poesia que mais convém aos povos hodiernos. Por isso o seu mais brilhante titulo é ser um poeta do povo.

Mas poetas do povo foram n'este seculo Espronceda e Saavedra, e estão sendo Zorrilla, Trucha, Campoamor, Manuel del Palacio, Antonio Hurtado, etc. Que lugar deve occupar Aguilera entre os chamados poetas populares de Hespanha? Ouçamos primeiramente o voto de Jimenez Serrano, publicado no *Intermedio:*

«A nossa poesia hespanhola distingue-se das demais por seu gi-

ro eminentemente nacional. Somos, como poetas, o que os inglezes são como cidadãos; e que cousa mais nobre, mais digna do *quid divinum* dos poetas, que as glorias dos seus antepassados e as crenças de seus paes? Os nossos romances não morrerão nunca, e servirão de delicado alimento para o povo, como para os eruditos, porque são a epopêa do nosso seculo de ferro. As comedias do nosso theatro antigo triumpharão das polidas imitações francezas, gregas e latinas, porque respiram o patriotismo dos nossos romances.

« Herrera elevou-se até Pindaro cantando a batalha de Lepanto, e tornou-se insoffrivel imitando com felicidade a Petrarca. Isto com certeza não foi comprehendido pelos nossos classicos que assim esqueceram no seculo passado as glorias hespanholas, ou com tão pouca inspiração as cantaram; com tudo, no presente seculo, Quintana e outros tomaram melhor senda, valendo-se, ainda assim, de meios pouco castiços. Porém aquelles a quem mais devemos são os *romanticos*, tão injustamente depreciados, elles, os que mais fizeram em prol da nossa poesia com Zorrilla, o duque de Rivas e Espronceda. Elles os que fizeram reviver o giro e a fórma da nossa poesia propria, da grande poesia hespanhola, com seus romances e suas lendas.

« Está tudo feito? creio que não. A poesia é para todos, e como em todas as artes, as suas concepções hão-de ter essa belleza divina que saborêam o sabio e o ignorante. Zorrilla conseguiu algumas vezes collocar-se ao nivel do povo, mas nem sempre.

« Este é o passo que o snr. Ventura Ruiz Aguilera deu com a publicação dos seus *Ecos nacionaes*. O seu livro será, com o tempo, tão popular como as canções de Béranger, como os romances antigos. Filho do povo, o snr. Aguilera escreveu para o povo, n'essa linguagem simples e magica do nosso povo hespanhol.

« Não quero que me creiam, só porque eu o digo; lêam-se a canção a *Roncesvalles*, o *Cão que ladra*, a lindissima composição intitulada as *Aristocracias*, a *Noite de todos os santos*, o *Veterano*, *Pela patria*, o *Mestre que não vem*, o *Tributo de sangue*, a *Volta do voluntario*, e se as lagrimas se não agglomerarem nos olhos do leitor, se o enthusiasmo lhe não acudir, se não sentir amargura nem dôr, declaro que não percebo nada do que seja o gosto litterario... »

Tal foi o passo que o snr. Aguilera deu na poesia hespanhola: approximou-a do povo, ou melhor, teve a felicidade de incarnar nos seus versos, os interesses, as idéas, os costumes, os sentimentos da alma popular — segredo que não pôde achar Zorrilla, nos *Cantos do trovador*, Trueba, no *Livro dos caracteres contemporaneos*, Campoamor, nas *Doloras*, nem outros poetas muito estimaveis certamente no genero que cultivam. E tão verdade é que Ruiz Aguilera descobriu o segredo de incarnar nos seus cantos a genialidade popular, que o mesmo povo perfilhando os cantares do seu poeta, os tem levado d'um a outro extremo de Hespanha, entoados ao som da pandeireta, da gui-

tarra e da voz do mendigo, dando motivo a que muitos jornaes os tomem como de creação anonyma, vendo-se o snr. Aguilera na precisão de os reclamar como seus. É significativo o seguinte facto: em 1865 publicou Lafuente o seu precioso *Cancioneiro popular,* e certamente illudido pela boa fé d'algum colleccionador de cantos populares, inseriu no cancioneiro varios cantares d'Aguilera — o que obrigou o seu author a fazer valer o seu direito de propriedade litteraria. O que prova até que ponto a poesia do povo foi assimilada por Aguilera.

Convém notar que sendo a poesia popular de Hespanha explorada pelos poetas já citados e por outros de grande merito, como são Carlos Rubio (de quem fallaremos mais de espaço quando publicarmos a traducção, já feita, do seu formoso romance *La flor del pantano*) e Thos y Codina, com nenhum se dá o facto da assimilação que notamos em Aguilera.

É que nem todos nascemos para tudo.

Não deprimimos ninguem; fazemos justiça a todos; mas temos o direito de estremar os artistas pelos generos em que primam. Aguilera prima pela espontaneidade da creação popular. É a este respeito não deve, nem póde confundir-se com os poetas contemporaneos.

Assim Zorrilla é antes um poeta romantico, grandiloquo e arrojado na fórma e na concepção, do que um poeta popular. É incontestavelmente um poeta *nacional,* mas falta-lhe a simplicidade comprehensiva, o dom communicativo que o ha-de approximar do viver intimo d'esse eterno e obscuro martyr que se chama o povo. Espronceda e Quintana eram *nacionaes* e não populares. O proprio Antonio de Trueba, o homem que mais intimamente tem vivido com o povo, se d'elle se tem approximado, é antes na fórma dos seus *cantares* e dos formosos *contos,* do que no fundo das suas composições. O assumpto dos seus *contos* é incontestavelmente popular, mas d'envolta com os interesses do povo lá anda sempre a individualidade do poeta. Copía, ou imita, não incarna. Em quanto a Campoamor tão pouco lhe podemos conceder o honroso titulo de poeta popular; melhor lhe quadrará o de poeta das damas. Homem folgazão, quer disfarçar o seu caracter, chorando as dôres alheias. Engenho facil e natural, alma bondosa e descuidada aspira a philosopho socialista, sem se importar com philosophias. Segundo Valera, os versos mais sinceros que o poeta escreveu em sua vida são esses em que elle faz o seu proprio retrato:

Hay almas como la mia,
Que no tienen pesadumbres,
Y pronto, quando las tienem
Su grave pesa sacuden.
Almas felices en todo,
Que solos sus gustos cumplen
Siguiendo tantos placeres

Cuantos pesares rehuyen.
Almas en fin, que no hay pena
Que felizmente no endulcen,
Proximo mal que no espanten
Sejano bien que no busquem;
Que siempre á los serafines
Ven en los aires azules;
Junto á las verdades, sueños;
Entre las tinieblas, luces;
Flores sin fin en los llaños
Puentes y luz en las nubes!
Dichosas almas que tienen
El delirar por costumbre,
Y siempre hermosas visiones
Con tierno afan las circuyen:
Que penetrando en el cielo
Roban osadas su lumbre,
Y luego pintan el mundo
Con un color que seduce.

Como se vê, o author das *Ternezas y Flores,* dos *Ayres del alma* e das *Doloras* possue facilidade de dicção, uma certa ligeireza encantadora, uns graciosos trocadilhos sem gongorismo, o bem aproveitado da phrase popular, mas não tem a pretenção de que os seus versos venham um dia a sahir das salas para as ruas, dos gabinetes eruditos para os campos ignorantes. Tem o seu lugar fixo entre os bons poetas hespanhoes; nem aspira a possuir os dotes caracteristicos do genio popular d'Aguilera. Cada um na sua esphera. O grande passo na poesia popular estava reservado para o homem que d'esta fórma comprehende a poesia do vulgo. «O poeta que desejar imprimir ás suas obras caracter nacional (melhor diria popular) deve descer do povo ao vulgo, assemelhal-o, indentificar-se até certo ponto com elle, fazer um estudo serio e constante da sua maneira de sentir, de pensar e de exprimir-se; e submettendo ao crisol da arte as suas palavras, os seus giros, as suas locuções, os seus adagios, os seus idiotismos, o ouro, em fim, da sua falla cheia de impurezas, extrahir os materiaes que hão-de servir-lhe para modelar a sua creação esthetica, os seus cantares, conservando n'ella até onde seja possivel e conveniente, o perfume, a côr e o saibo (se assim o posso dizer) castiços, authenticos, genuinos e permanentes das obras do vulgo, as quaes sob este ponto de vista consideradas teem um valor intrinseco e positivo.»

Quem assim comprehende a poesia popular, não admira que um dia se veja despojado dos seus direitos de author pelos colleccionadores hespanhoes, quando forem reimpressos os cancioneiros de Duran, de Preciso, da viuva de Augustin Roca, de Manuel Castellano, de Lafuente, etc. Repetimos, o grande merito dos cantos de Aguilera, vem consignado na seguinte epigraphe, de que um jornal hespanhol

precedeu uns poemas de Aguilera, que tomou por anonymos: «Eis aqui uns cantos populares que são indubitavelmente um poema de amor.»

Em conclusão, o snr. Ventura Ruiz Aguilera, é, em nosso humilde entender, um dos poetas que em Hespanha melhor comprehendem o seculo e as necessidades do seu paiz — poeta christão nas suas *Armonias y Elegias,* realista na *Arcadia moderna,* correcto nos *Proverbios,* poeta moral nas suas *Satiras,* poeta eminentemente popular nos *Ecos e cantares,* e revolucionario das idéas democraticas em todas as suas obras, onde não duvida affirmar o seu patriotismo e liberalismo, embora tenha de fallar a um rei como o foi D. Amadeu. Haja vista á soberana e altiva epistola que o snr. Aguilera dirigiu ao rei de Hespanha, quando lhe pareciam quasi extinctas as esperanças que o povo hespanhol depositára no filho de Victor Manoel.

Para que este ligeiro estudo não fique de todo incompleto aqui damos duas amostras dos versos d'Aguilera, as quaes em tempos tivemos a honra de traduzir.

A primeira é uma formosa *ballada* (e n'este genero tem Aguilera composições adoraveis) que tem o titulo de *Iberia.* Á parte o pensamento politico, que não queremos discutir aqui, é força confessar que é um poemeto notavel. A segunda intitula-se *Recuerdo de Galileo,* poesia esta recommendavel pela aversão que revela no seu author contra o despotismo:

IBERIA

Dizem que vai a casar-se
Hespanha com Portugal:
Se a noiva em muito se estima
O noivo não menos val.
Do mesmo sol se alumiam;
A mesma terra feraz
Aos pés lhes rende thesouros
De que outra não é capaz.
Ondas que banham suas costas
D'igual nome, entre os dous, são;
E nos proprios claros rios
Sua face mirando estão.
Uma é sua lingua harmoniosa,
A mesma historia tem já
Immortal; e no futuro
Um seu destino será.
Bello fructo d'estas bodas
Iberia! ao mundo has-de dar
Inveja por tal grandeza
E por virtudes sem par!

Que dia bello!
Quando virá?

Como eu o anhelo!
Quem o verá?

Os dous cruzaram valentes
As soledades de um mar,
Onde nunca vozes de homem
Tinham podido chegar.
Da expedição, ouro dizem
Que trouxeram para cá;
Não conta quem os accusa
O que deixaram por lá!
Sangue, industria, sciencias, artes,
Do mundo franco o portal,
Deram ás raças dormentes
Em um marasmo fatal.
Logo alli flôres, em premio
D'esse afão, se vêem brilhar,
Cidades, templo, officinas
Maravilhas de espantar.
Oxalá que ambos os povos
Fraternos, dando-se a mão,
Estivessem n'um abraço
Reunidos desde então.

Que dia bello! etc.

Todo o mundo conhecido
Afoutos os viu passar
Sobre as raças que os antigos
Não julgavam dominar;
Com as quinas portuguezas
Vai de Castella o Leão,
E o brazão da Catalunha
Com as barras de Aragão.
Valentes pelos seus fóros
E poderes colossaes
Em taes empresas chegaram
Onde ninguem chega mais.
Elles derrocam imperios,
Elles os sabem fundar,
E ao seu carro de triumphos
Monarchas sabem atar.
Hoje receosos se miram
E só juntos os verá
Quem vir nascer essa aurora
Que tantos esperam já.

Que dia bello! etc.

Chegam tempos; um medonho
Furacão faz baquear
Um throno que vai levado
Na rastolhada do mar.
Raça de reis estrangeiros
Calcam seus brios no chão;

*

Mas se Hespanha tem memoria
Nunca mais a occuparão.
Rompeu Lazaro sua tumba,
Fogem as trevas do mal,
E ao resuscitar, saúda
Da liberdade o fanal.
Por esta sagrada via
Se atraz um passo não dá,
Com o povo lusitano
Hespanha se encontrará.
E esquecendo antigas queixas
Iberia, alliança farás
Fiel, sincera, insoluvel,
Com um osculo de paz.

Que dia bello! etc.

Iberia! Já te estou vendo
Bella, joven, de encantar,
Como em seus sonhos dourados
Póde um poeta ambicionar.
Iberia! já te estou vendo
Magestosa sem igual,
Á frente dos outros povos
Com applauso universal.
Iberia! já te estou vendo
Brilhar na reunião
De todos os povos livres
Tão sublime que mais não.
Iberia! Já te estou vendo
Serenamente marchar
Ao futuro que presente
Da musa d'hoje o aspirar.
Iberia! Já te estou vendo...
Tu has-de ser sem rival;
Pois hão-de fazer-se as bodas
De Hespanha com Portugal.

Que dia bello!
Quando virá?
Como eu o anhelo!
Quem o verá?

E PUR SI MUOVE

Os que amam a virtude e amam a sciencia,
Aquelles generosos corações
Que seu bem sacrificam e existencia
Pelo bem e existencia das nações,

Ouçam a breve e lastimosa historia
D'esse martyr da antiga tyrannia,
Que morreu a dizer, por sua gloria,
Que em torno ao sol a terra se movia.

Era ancião já debil, quando ao mundo
Disse a verdade que só elle alcança:
Enche-se Roma de terror profundo
E contra elle seus rancores lança.
Discorre que matando Galileu
Matava a luz que n'elle amanhecia,
E n'um carcere o encerra e julga réo
Só por dizer que a terra se movia.

« Confessa » grita e ruge o santo officio:
« Confessa » o vil algoz que o insultava;
E o martyr sem alento no supplicio
« A terra... não... se... mo... ve » balbuciava.
Mas assim que cessava o seu tormento
Ao recobrar esforço se sorria
Como jurando ao tribunal sangrento,
Que em torno ao sol a terra se movia.

Dos juizes o aresto rude e falso
A victima condemna veneravel
A honrosa penitencia; o pé descalço,
Nú, igualmente, o corpo miseravel,
Cresce o rancor horrivel, mas o sabio
Faltar á consciencia não podia,
E com os olhos desmentindo o labio,
Disse outra vez que a terra se movia.

Desfallece ao rigor d'amarga sorte,
Sua carne é pó na estreita sepultura;
Mas do lobrego carcere da morte
Rapida vôa ao céo sua alma pura.
Roma verdugo foi de Galileu,
Arde porém a luz que este accendia
Quando na vil masmorra, insonte réo,
Annunciou que a terra se movia.

Vizeu — 1875. J. SIMÕES DIAS.

A GALLINHA DA VISINHA

I

Desde que se encaixou na cabeça ao Miguel Ventura abalar-se para o Brazil, nunca mais no casal da Remôlha entrou cousa que se parecesse com alegria ou contentamento.

— Boas contas dará no dia de juizo aquelle endiabrado rapaz! — exclamava o padre Antonio todas as noites, ao voltar do casal, depois da costumada partida de bisca.

É que era uma dôr d'alma vêr o que ia n'aquella familia, d'antes alegre e satisfeita que nem paschoas floridas, e tão ligada como a unha com a carne. O tio Onofre parecia trazer a cabeça a razão de juros: esquecia-se de tudo, e ficava horas e horas pasmado onde quer que se sentasse, a pensar, como quem diz, na morte da bezerra. A tia Custodia — uma santa, por onde não viria mal ao mundo — andava como embuchada; diante de gente ia ainda a cousa tem-te não cáias, mas quando ficava a sós, era chorar, chorar como a Magdalena arrependida. A menina dos olhos dos dous velhos, aquelle diabrete da Marianna, perdera n'um prompto o continuado chalrar, que assemelhava a sua morada a um ninho d'andorinhas.

Miguel, esse, como lhe mordia a consciencia, fechava-se no seu quarto ás sete chaves, e só apparecia á familia ás horas de comida. Apenas engulido o bocado n'uma calada de coelhos, cada qual voltava para a sua banda, como forasteiros que o acaso reunisse em volta da mesa d'uma hospedaria.

Este modo de vida ia já para mais de tres mezes.

Uma vez Onofre fez das tripas coração, e disse no fim do jantar:

— Isto vai muito bonito, não ha duvida! Pelo que vejo entrou já a republica n'esta casa... aqui não ha rei, nem roque! Não me agrada isto. Aqui já ninguem se lembra de dar graças a Deus!... Pois não me quadram modas d'essas. Por em quanto esta casa não é de herejes, nem o ha-de ser durante a minha vida. Se alguem sahir

d'ella, então que dê exemplos d'esses a seus filhos, se quizer... eu é que não estou pelos autos.

E o velho, intencionalmente, cravou os olhos em seu filho, que não se atrevia a levantar os seus do chão.

Deram-se as graças a Deus, respondendo a familia em côro á oração entoada pelo dono da casa. Acabada a reza, Onofre como quem vê chegado o momento de desabafar magoas de ha muito contidas no coração, continuou pausadamente:

— É verdade, ó Miguel, queria... Em fim como isto tem d'acabar por uma vez, quanto mais cedo melhor. Seja hoje, visto que estou com as mãos na massa... Queres embarcar, não é verdade?

— O pai já o sabe — tartamudeou Miguel.

— Sei. Bem! como a corda tem de quebrar pelo mais fraco... Pois sim... tens a porta aberta... vai! Por onde eu te pego, peguem-te os lobos! Assim o queres... assim o tenhas... vai... vai... Julguei que tinha creado um filho, enganei-me! Creei uma vibora, pilhou-se com vida, morde-me e... vai-se! Pois que se vá... que se vá! Não posso impedir-lhe o caminho! Que se vá... que tenho eu com isso? Eu?... nada. Tenha eu sete palmos de terra em que descance... Mas é que não sou só no mundo com todos os diabos! Ha ahi uma pobre velha que d'um dia para o outro póde ficar sem marido... ha ahi tambem uma rapariga, na flôr da idade, que d'um momento para o outro póde ficar sem pai, quando mais precise de quem a ampare...

E dizendo isto, o velho apertava affectuosamente a mão da mulher e da filha, como se visse approximar-se a hora da derradeira despedida. Recuperada a coragem, que a idéa da morte afrouxou, Onofre proseguiu no mesmo tom d'exaltação:

— Mas que importa isso? O velho dizia comsigo: morro descançado; tenho um filho que soccorrerá sua mãi e protegerá sua irmã... Quem é que faz caso d'essas ninharias? Caturrices de velho! Julgava elle, o tonto, que os filhos de hoje eram como os d'algum dia!... E como não abandonára seus paes, acreditava que deveria esperar outro tanto... Ora que extravagancia!...

— Meu pai... — atalhou Miguel submissamente.

— Espere, deixe-me fallar. Como cada um n'esta casa faz o que bem lhe parece, não me hei-de ficar atraz. Chegou tambem o meu S. João! Dizia eu... ah! sim. Todos querem ser ricos, muito ricos, porque em summa, quanto tens quanto vales. Fazem muito bem. Quem se importa hoje com pobretanas que não tem onde cahir mortos? Talvez que tu... quando fôres rico e fidalgo, chegues a envergonhar-te de ser meu filho. Não me admira. Disseram-me que o Pedro da Chantrina, quando se viu doutor em Coimbra, fugia do pai ás sete partidas, e se o pobre do homem ia de vez em quando visital-o, dizia aos amigos que era um criado da casa! Vamos, porém, ao que interessa. Não quero encargos para a consciencia. Fiz o que entendi para o teu

bem; tu pensas d'outro modo... segue o teu caminho. Apesar de tudo, não consinto que vás por esse mundo de Christo á mercê da amora... Quando tiveres promptos os teus negocios, e em estado de partir, a Marianna dar-te-ha algum dinheiro, que tinha guardado para te arranjar um modo de vida. E sobre isto havemos conversado. Não quero ouvir fallar mais n'essas cousas. É bom que te fique na lembrança, que me oppuz sempre com todas as véras á tua ida. Se te arrependeres... vá a pedra a quem toca. Sê feliz!

N'este momento vinha entrando pela casa dentro com a semceremonia d'um amigo que se vê todos os dias, o padre Antonio do Nascimento.

Era um Jão-Bo'alma este santo padre; e se não fosse a inclinação para o livro das quarenta folhas, dir-se-hia isento de defeitos. Mas como não ha formosa sem senão, passava-se de leve sobre essa ligeira macula, de mais a mais sem consequencias, porque no maior phrenesi da bisca ou do trinta-e-um francez não tinha alma para arriscar mais de dous ou tres feijões encarnados.

O padre Antonio não era homem de prégar sermões do pé para a mão, mas sabia não sei que palavras consoladoras que cahiam sobre as feridas do coração como gotas de balsamo. Não alardeava favores nem protecções, mas a sua casa estava ás escancaras para todos. A sua bolsa e a sua boa vontade estavam ao dispôr do primeiro que necessitasse d'uma ou d'outra. Sempre cara alegre e bofes lavados, para o rico e para o pobre tinha nos labios o mesmo sorriso, no trato a mesma affabilidade. Por isso não havia na aldêa quem para lhe conquistar as boas graças não sentisse coragem para metter os pés no lume, se tanto fosse preciso.

— Ora a paz do Senhor seja n'esta casa — disse o padre Antonio ao entrar.

— Muito boas tardes, snr. padre Antonio — responderam á uma todos os que saudára.

— Então que ha de novo? Vejo-os assim com cara de poucos amigos! Se é com medo de que lhes coma o resto do jantar, estejam descançados...

— O snr. padre Antonio — replicou Onofre — está gracejando; porque se fallasse a sério, offender-nos-hia muito, sabendo, como deve saber, que n'esta casa tudo lhe pertence; é como se estivesse na sua.

— Para dizer isso, não são precisos modos de Ferrabraz d'Alexandria. Vamos, porém, a saber o que foi isto?

— Que havia de ser, snr. padre Antonio! — desabafou Custodia.

— Estou na mesma. Diga lá, snr. Onofre...

— Que quer v. s.ª que lhe diga... O que lá vai, lá vai.

— Este agora parece que está a solfejar. Diz lá tu, Miguel?

— Eu?... Se os outros não sabem...

— Vossês estão a representar algum entremez, ou que chalaça é esta? Vamos lá tu, Marianna, já que não tens papas na lingua, põe aqui tudo em pratos limpos...

— V. s.ª bem sabe o que vai cá por casa... o pai ralhou com o Miguel... ora ahi está...

— Logo vi que batia a boa porta; pena foi que fosse tão tarde. Com que então houve ralhos...

— Eu não ralho, snr. padre Antonio — acudiu Onofre — disse o que entendia, e cada um póde fazer o que entender.

— E tu tomaste mão da palavra, e tratas d'embarcar, não é verdade?

— Bem sabe v. s.ª que não se ganha a vida de braços cruzados.

— Fallaste como um livro. Dizes bem, e fazes muito melhor.

Um raio que alli cahisse não produziria o assombro, que causaram estas simples palavras do padre. Este conheceu o effeito, mas fingindo que nada observára, continuou:

— Fazes bem, meu rapaz. Deixa lá fallar quem falla. O mundo fez-se para os homens, porque nenhum é propheta na sua terra.

Miguel não cabia em si de contente. Vendo-se apoiado por um homem que todos veneravam, sentia-se forte para luctar contra todos, que era o menos, mas até contra a propria consciencia, cuja voz mais difficilmente se deixa de escutar.

— Deixa por minha conta os que querem cravar um prégo na roda da tua felicidade! A proposito, em que tencionas por lá empregar-te?

— Em qualquer trabalho, com que se ganhe a vida honradamente.

— É louvavel o intento. Mas parece-me que ha trabalho e trabalhos; quero dizer, ha muitos modos de trabalhar. Naturalmente já te inclinaste para algum... para o que julgues ter mais vocação. Não é assim?

— Confesso que ainda me não decidi. Mas quando ha boa vontade...

— Aprende-se depressa, é o que vens a dizer na tua. Tambem sou d'essa opinião. Mas em fim a gente precisa d'attender a estas miserias da vida... Com que meios contas tu para te manteres durante a aprendizagem... necessariamente has-de ter uma aprendizagem, visto que não nascemos ensinados. Sabes tão bem como eu que no principio é que se encontram os ossos do officio...

— Isso não me mette medo. Passarei por onde os mais passam, que não sou melhor do que elles. No principio hei-de viver de privações, mas trabalharei em qualquer cousa para me sustentar. Para comer pouco basta...

— Cada vez melhor. Estás discorrendo como um doutor de cadeira. Com que então estás resolvido a viver de privações? Isso é

bom; é bom costumarmo-nos a contar com o peor. O diabo nunca é tão feio como o pintam, mas á cautela vamol-o sempre figurando horrendo.

O padre Antonio fez uma ligeira pausa, em que sorveu com delicias uma superabundante pitada.

Aproveitando o intervallo para relancearmos a vista sobre os outros personagens, que até alli se tinham conservado silenciosos, veriamos Onofre a morder o beiço d'impaciencia, e quasi a destemperar, porque o padre não só apoiára a partida de Miguel, mas até se comprazia em desfazer-lhe os obstaculos: Custodia, essa, como de tudo aquillo só percebia que tinha de ficar sem filho, chorava como nunca; e Marianna prevendo que ia rebentar alli nova tempestade, olhava inquieta uns e outros, qual avesinha que ao approximar da tormenta esvoaça indecisa em busca d'abrigo que melhor a proteja.

O padre Antonio continuou como se não tivesse percebido as iras e temores que estava provocando:

— Dizias tu que ao principio te sujeitarias ás privações... seja ao principio. Resta apenas saber quando é que ha-de chegar o fim do tal principio; em quanto ao mais, optimamente!... continuarão as privações. Privações... é uma palavra feia como todos os demonios! Pri-va-ções — proseguiu accentuando cada uma das syllabas em que a palavra se decompunha — custa a pronunciar, co'a breca! Quando isto é a palavra em si, que será quando se supportar o que ella exprime? Sempre é cousa que tem seus *ff* e *rr!*...

— Paciencia. Sou novo... tenho boa saude...

— Ainda bem! Isso é agora outro caso. Sim, tens boa saude... para que havemos de dizer que não?... boa saude, aqui... na terra em que nasceste... no clima a que estás habituado... vivendo nos habitos contrahidos. Verdade é que quem tem boa saude não é tão sensivel aos resultados d'estas alternativas, nem está tão exposto a succumbir ás febres que grassam por essas regiões longiquas.

— Quando isso acontecesse, encontraria um hospital.

— Dizes bem, meu rapaz. Ha hospitaes por esse mundo além. Inda bem que os ha, porque a philanthropia suppre a caridade, a esmola d'estranhos os recursos proprios, e os suppostos cuidados de mercenarios o carinho de familia. Onde tinha eu a cabeça que me não lembrava d'isto? Por este lado estamos conformes. Vejo que tens encarado a questão maravilhosamente pelo lado positivo das cousas. Olhemos agora o reverso da medalha, quero dizer, o lado moral. Tu não és só no mundo. Tens uma familia que te ama, que te estremece, que em ti depositou a sua alegria no presente e a sua esperança no futuro. Estas affeições de familia são grinaldas de flôres que ás vezes se convertem em grilhões de ferro. Se a gente fosse como as andorinhas... então sim, poder-se-hia dizer adeus a tudo, porque não havia o perigo de deixar saudades! Mas tu?!... já pensaste no desgosto que vaes dar a teu pai?

— Tenho eu culpa de que as suas idéas sejam como são? Se todos os paes assim fossem, ninguem sahiria da sua terra.

— Tens razão. Que queres tu? O pobre homem não chega a mais. Imagina que deve tomar parte no teu destino, gozando com a tua fortuna, soffrendo com a tua desgraça...

— Está claro. Se me der mal, o mal fica commigo: já lh'o disse milhares de vezes!

— E elle sem te querer dar a tua carta d'alforria, é tyrannico! Bastava que fosse despota n'outro tempo... na tua meninice. Porque então era-o a valer. Não eras tu senhor de ter um pensamento, que elle não se esforçasse logo por adivinhal-o, não podias ter um desejo que não tratasse logo de realisal-o. Um sorriso teu, transportava-o d'alegria; uma nuvem de tristeza no teu rosto eram as trevas da inquietação e do desespero na sua alma!

Miguel olhou espantado para o padre Antonio. Só então conheceu o fim a que elle mirava. O resto da familia não perdia uma palavra do ancião, escutando-o com religioso silencio.

(Continúa). AUGUSTO SARMENTO.

DEUS TE PAGUE!

(A)

Tens pena de mim? tens? Ah! Deus t'o pague!
N'este mundo cruel, duro, egoista,
Ha pouco quem se dôa e quem afague,
E muito quem a magoas furte a vista.

Deixal-os lá, os maus. Mas tu, bondosa,
Sabes ter alma e coração sensivel,
E não negas a lagrima piedosa
Á dôr alheia, á dôr inaccessivel...

Elles, os maus, coitados! não, nem pensam
O mal que fazem na dureza sua;
E as caricias dos bons, essas, compensam
Tanta crueza d'essa gente crua.

Mas elles, não os torno responsaveis
Do coração que têm, fechado e duro,
Antes os creio e julgo miseraveis,
Que nunca hão-de sentir gôzo tão puro.

Pois que são elles? Gente desherdada
De todo o sentimento de brandura,
Sem sympathias, sem amor, sem nada,
Que tudo tira a condição que é dura,

Vivem só para si: ninguem os ama.
E se inda alguns encontram quem os queira,
E só n'aquelles que a cubiça inflamma,
E nem tal affeição é verdadeira.

Fazem-me pena, sim. Depois viveram
Sempre nos sonhos da cubiça absortos,
E o castigo dos bens que não fizeram
Hão-de achal-o, talvez antes de mortos.

Nem elles sonham, na bruteza egoista
Em que vivem, quaes feras, mergulhados,
Que abysmos ha, onde só chega a vista
Dos corações, em luz e amor banhados.

Que ha, no seio de um torpe realismo,
Almas vestidas de ideal plumagem,
Que andam sempre pairando sobre o abysmo,
Como as aves do mar sobre a voragem.

Que ha na terra destinos incompletos
Fatalmente votados á desgraça,
E nobres corações, de dôr repletos,
Que erguem, sorrindo, do infortunio a taça.

Que ha d'aquellas coragens resolutas,
Intrepidas, mas simples, sem orgulho,
Que no meio dos trances e das luctas
Buscam sempre o dever, nunca o barulho;

Quem siga honradamente na carreira
Da probidade austera, indefectivel,
E que veja tomar-lhe a dianteira,
Sem um queixume, o que é mais desprezivel;

Quem abrigue no peito a chamma ardente
Do mais vivido amor da humanidade,
E a sinta ir-se exhalando aridamente,
Como a alampada em erma soledade;

Quem sacrifique sobre as santas aras
Do amor desint'ressado uma alma inteira,
E venha a morte, e ceife-lhe as searas,
E o deixe só, d'um ataúde á beira.

Quem reconheça, emfim, desenganado,
Que o seu reino não é, ah! d'este mundo...
E volva o triste olhar, longo, cançado,
Da terra ao céo piedoso, ao céo profundo.

Não sabem isto, os maus; que, se o souberam,
Talvez n'elles entrasse a piedade,
E que de serem maus se arrependeram,
E achassem para o bem força e vontade.

Perdoemos aos maus. Mas tu, bondosa,
Sabes ter coração e alma sensivel;
Não recusas a lagrima piedosa
A' dôr occulta, á dôr irremissivel...

Que Deus te pague, filha, essa bondade,
Essa ternura com que me confortas,
E, que em rasgando o vôo á eternidade,
Aches abertas do seu reino as portas!

Porto, 187... M. DUARTE D'ALMEIDA.

RECORDAÇÕES DE VIAGEM

(FRAGMENTOS)

Em Fontainebleau

Todo este recinto magnifico e deserto parece esperar um hospede que se foi ha pouco: — as camas estão cobertas, as mesas rodeadas de cadeiras, os pavimentos espelhosos, os tremós nos seus lugares, os

lustres pendem crystallinos e brilhantes dos tectos cuidadosamente espanejados, os jardins não accusam abandono.

Nos aposentos de Pio VII parece-nos sentir ainda o echo sumido dos passos d'aquelle velho tropego e enfermo, que foi um dos mais terriveis tropeços que Napoleão encontrou no seu caminho de triumphador.

Na sala do conselho julgamos vêr de repente, rodeando a grande mesa, os vultos envelhecidos dos dispensadores de thronos, dos arbitros das nações.

No salão de baile phantasia-se a figura graciosa de Diana de Poitiers, destacando-se ao fundo n'uma aureola de ouros e pedrarias.

No gabinete de Napoleão pergunta a gente áquella bancasinha redonda [1] se ouviu rumorejar a epopêa dos Cem Dias na cabeça do Gigante, que se encostou talvez um momento, cheia de desalentos, sobre a modesta taboa onde acabava de fechar a epopêa dos Dez Annos.

Sentado insolentemente na tribuna imperial do theatro, eu phantasiava que aquella vastidão deserta e obscurecida se povoava de esplendores e de applausos. A um canto o vulto de Voltaire, com o eterno e fino sorriso d'um reles busto que tenho no meu gabinetesinho, dominava a festa.

A disposição do nosso espirito dá ás vezes um colorido singular a todas as impressões por mais diversas e contrarias que sejam, e é vulgar e natural que muitas vezes os objectos, — as paisagens, os monumentos, etc. — se apresentem ao viajante tingidos nas cambiantes dos seus sentimentos e das suas recordações mais intimas, mais particulares, se póde dizer-se assim.

O coração e o pensamento teem a sua chronologia, o seu calendario, as suas ephemerides tristes ou alegres, que nos surprehendem no meio das mais oppostas sensações actuaes e que parecem envolvel-as e acompanhal-as na sua successão, n'uma especie de surdina magica.

Porque era que esta idéa do passado, da ausencia, do isolamento, da saudade, se me impoz tão persistentemente ao espirito em todo este dia de Fontainebleau?

... Medio de fonte leporum
Surgit amari aliquid quod in ipsis floribus angat,

dizia Lucrecio.

Deitado na relva, á beira d'aquellas aguas tranquillas e caladas, que são uma das bellezas dos jardins e bosques do velho palacio, eu fechava os olhos; — e o espirito, emancipado das impressões do momen-

[1] O *gueridon* onde em 1814 Napoleão assignou a sua abdicação.

to, voava-me instantaneamente para regiões longiquas, e a surdina convertia-se nos ruidos alegres e francos d'uma cabecinha loura, de dous annos...

Uns ruidos impertinentes, de que tu não queres saber, leitor severo.

. . . . . .

Olha lá, sempre será bom que não vás almoçar a Fontainebleau em dia d'anniversario d'alguma filhinha que tenhas.

A não ser que a leves comtigo.

* * *

Á beira de Strassburg

Passado Hochfelden estão passados os Vosges.

Espraiando a vista n'uma planicie immensa que se desdobrava em frente, exclamamos alvoroçados:

— Strassburg!

A flecha espantosa do Munster recortava-se, a quatro leguas, n'um horisonte d'ouro que esmorecia rapidamente.

Minutos depois viamos a primeira sentinella allemã no alto d'umas muralhas ennegrecidas e, n'alguns pontos, escalavradas, talvez que pelas balas do ultimo cerco.

Ah! não vai muito distante o tempo em que as balas e as bombas zumbiam ferozmente por estes ares, e os reflexos dos incendios cobriam como manchas de sangue os velhos outões e rendilhados do Munster.

O Krup traduzia Gœrres.

Que horrivel seria ouvir as grandes peças de sitio cantarem n'um côro furioso aquellas palavras do mystico e heroico patriota:

« Queimai Strassburgo e não deixeis intacta senão a flecha do Munster, para eternisar a vindicta dos povos allemães.»

Como ficaste em pé, oh mundo petrificado de Edwin?

* * *

Em Munich

Cornelius não foi sómente um grande pintor, foi um dos pensadores mais profundos que produziu a novissima renascença da arte allemã. Mergulhando nos esplendores da arte italiana, reconstruiu a tradição e a evolução byzantina, por um lado, e conservou, por outro, em todo o seu vigor, o proprio fundo germanico.

O *Juizo final,* d'elle, não é uma cópia mais a juntar ás muitas da grande obra de Buonarroti. O seu estylo angelesco é antes filho da pureza rude d'esse fundo e do vigor do proprio caracter do que da imitação e do estudo do colosso florentino. Admirando este, em toda a sua attitude, os seus olhos de pensador profundaram até á grandeza obscura da primeira época da arte christã.

Não pararam, como os de Overbeck na graça beatifica de frei Angelico; mediram, admirados e reverentes, a rude e ingenua magestade das concepções byzantinas. O seu Christo julgador é o Christo anguloso e largo de S. Paulo-fóra-dos-muros, o Christo formidavel anterior ao seculo XIII, que conserva, simultaneamente com as feições do velho Jehovah, um certo ar de familia olympico. Com tudo ha já n'elle reflexos de graça amoravel: aquella grande cabeça illumina-se aos impulsos d'um coração misericordioso, no meio da sua severa justiça.

LUCIANO CORDEIRO.

Laïs moderna

... e não tenham isto por palavras, porque essas e plumas, o vento as leva.

CAMÕES, *Auto d'el-rei Seleuco.*

I

Ella era mais gentil que a Fornarina,
E mais bella que a pallida Julieta,
Porém lasciva, caprichosa, inquieta,
Como na infancia a torpe Messalina.

Fatal como a sereia que fascina,
Voluvel como a branca borboleta,
Que tanto beija a timida violeta,
Como a rubra papoila da campina,

Prendia o seu olhar, e só de vêl-o,
De imaginar a voluptuosa scena
Dos furores do lubrico desvelo,

Subia est'alma á região serena,
No devaneio do lascivo anhelo,
Como nuvem d'incenso em tarde amena.

II

Cedi á esphinge e dediquei-lhe tudo:
Futuro, coração, esp'ranças, vida,
E toda a gloria, já por mim colhida
Em longas noites de vigilia e estudo.

Empobreci, comprando-lhe o velludo,
Com que ella, em toda a parte, revestida,
Nos bailes, nos theatros, distrahida,
A todos deslumbrava! E eu sempre mudo,

Quanto mais me perdia, mais a amava!
Quanto mais caprichosa, mais lhe queria!
E mais sentia esta minh'alma escrava.

Era extrema a loucura em que vivia!
E, cego d'este amor, nem me lembrava,
Que, sempre, junto a mim glacial a via!

III

Pouco depois que me aceitára amante,
Aos effluvios do amor, á effervescencia,
Com que em mim saciava a incontinencia
Da sua alma febril e delirante;

Tomou nosso viver a cambiante
Dos quadros da mais pallida existencia!
Cahiu-lhe todo o ardôr em somnolencia:
Era estatua de marmore a bacchante!

Tinha-me feito pobre; — e velho um anno,
No dôce enlevo da gentil sereia,
Sem vêr que padecia tanto damno!

E ella, que outro amor já traz na ideia,
No gelo d'um olhar, o desengano,
Me vibra ao coração, que inda a pranteia!

IV

Entrei desesperado em casa, um dia —
— Era uma noite linda, esplendorosa! —
Deus sabe como est'alma angustiosa,
Vergava ao peso d'intima agonia!

Retumbava o salão na louca orgia
Da vil libertinagem viciosa,
Rendida aos pés da serpe venenosa,
— Rainha d'essa festa de alegria! —

Não ha Sanzio que imite n'uma tela
Aquelle grupo, em vigorosos traços,
Uma scena tão hedionda como aquella!

Em volta á mesa os aulicos devassos
Levantavam ao ar, em honra d'ella,
As taças de licôr e os olhos baços!

V

Quando transpuz, fatidico, os umbraes
Do palco, aonde ella, actriz, representava
O drama ignobil d'uma vida escrava
Dos mais baixos desejos sensuaes,

Calaram-se os devassos. Os cristaes
Onde o loiro Champagne rebrilhava,
Partiram-se no chão. E que eu entrava
Sem receio dos vis, de seus punhaes!

Eu era alli de Balthazar o lemma,
Era o gladio implacavel da vingança,
No momento fatal, na hora suprema!

E á luz que o meu olhar sanguineo lança,
Tenta a bella fugir, loucura extrema!
Lancei-lhe a mão á luxuosa trança!

VI

— Em fim! — bradei com voz abafadiça,
Crendo segura a esmorecida prêsa,
— Dobra os joelhos, Messalina, e reza,
Que eu vou por minhas mãos fazer justiça! —

Era a luz do salão quasi mortiça;
Porém ella com rara subtileza
Escapou-se, largando-me, — oh! surpreza! —
A trança que tambem era postiça!

Assim me desarmou! Á gargalhada
Lancei-lhe aos pés a trança delicada,
Maravilha de tantas andaluzas.

Acerquei-me da mesa resplendente,
E erguendo a taça do Xerez ardente,
Aos cabellos bebi das nossas musas!

1874. ALFREDO CAMPOS.

ÁCERCA DOS CARRILHÕES DE MAFRA

> Na verdade, que nos causa ás vezes admiração a estranha facilidade, com que alguns escriptores adoptam, e outros repetem, sem exame e sem fundamento certas proposições, que além de serem falsas, poderiam com mui breve e facil reflexão corrigir-se, ou de todo omittir-se na historia.
>
> *Obras completas* do CARDEAL SARAIVA, t. III, pag. 362.

« A historia, que nem sempre acerta com a palavra que deve resumir a vida dos reis, cognominou de *Magnifico* o prodigo que havendo encommendado para as fabricas de Antuerpia o machinismo

*

de um dos carrilhões de Mafra, e sendo-lhe respondido que a despeza não orçava em menos de quatrocentos contos de reis, retrocou a paparrotice de um negreiro enriquecido sem trabalhar — que, visto ser tão barato o preço, queria dous em vez de um só machinismo!»

Acabo de lêr esse periodo n'um jornal de Lisboa, em uma extensa descripção da entrada do cirio da Senhora da Nazareth em Mafra ao anoitecer do dia 15 de setembro do anno passado, festa brilhante a que eu tambem assisti.

«Refutar não é menosprezar» — escreveu o sabio publicista Pinheiro Ferreira. Ora, em boa e leal verdade, não me consta que, á excepção de Lourenço de Medicis, de Florença, houvesse jámais outro principe que as tubas da fama apregoassem com o pomposo cognome de *Magnifico*. A el-rei D. João V, como escrevi n'outro lugar, deu Roma o titulo de — *fidelissimo;* os cortezãos e os litteratos da sua Academia de Historia denominaram-no — *o magnanimo;* e o povo, que usa muitas vezes de uma linguagem pittoresca, ainda hoje lhe chama — *o rei freiratico*. A historia, tanto a que se aprende nos livros, como a que anda na bocca do povo, nunca o appellidou de outra sorte.

Pelo que respeita aos carrilhões, não ha duvida que foram feitos em Antuerpia e em Amsterdam, e os sinos fundidos em Paris e tambem em Genova, por tal signal que tendo chegado ao Tejo uma embarcação com oito sinos que vinham de Genova para Mafra, D. João V foi a bordo vêl-os á meia noite. O preço dos carrilhões importou em 50:000 moedas de ouro, ou 240:000$000 réis. E isto que digo está publicado ha nada menos do que vinte e nove annos no *Quadro elementar* do snr. visconde de Santarem, cuja authoridade incontrastavel e incontrastada deriva ao mesmo tempo do seu genio escrupuloso e das fontes preciosas do seu valiosissimo trabalho.

Notemos de passagem que a novidade e a importancia d'essas e de outras noticias historicas de Mafra eram taes para o snr. visconde de Santarem, que elle, ainda não contente de as dar, julgou dever precedel-as d'estas bem significativas expressões:

«A respeito das obras de Mafra encontramos nos sobreditos archivos varias indicações com differentes datas, *que por isso que encerram particularidades, que se não acham até aqui postas em memoria, determinamos referil-as n'este lugar, resgatando-as do esquecimento em que jazem muitas outras pertencentes á nossa historia interna.*»

O preço dos carrilhões mostra que é reconhecidamente falso que D. João V dissesse — quando lhe participaram que o custo de um só carrilhão não era inferior a 400:000$000 réis — *que, visto ser* tão barato o preço, queria dous em vez de um só machinismo! Esta sédiça anecdota que uns authores tem copiado de outros sem nenhuma averiguação, não se encontra nos escriptos de alguns que são dignos do maior respeito. Não a refere o snr. visconde de Santarem, nem

os snrs. Alexandre Herculano e Camillo Castello Branco nos seus bellos artigos do *Panorama* (1843, pag. 189) e da *Gazeta Litteraria do Porto* (1869, pag. 51), nem tambem fazem menção d'ella alguns escriptores estrangeiros de grande tomo e conceito, taes como o conde de Raczynski e o illustre Ferdinand Denis. E ainda quando seja certo que a despeza feita com a compra, o transporte e a collocação dos carrilhões montassem a tres milhões, como é fama, no dizer de um escriptor dos nossos dias (*Panorama* de 1840, pag. 61), é por igual manifesto que, antes de virem os carrilhões para Portugal em nenhuma maneira podia o magnanimo monarcha referir-se ao custo d'elles antes de postos nas torres, quer fossem dous, quer tres milhões.

ALBERTO TELLES.

Flôr dos meus jardins

(A M^elle^ EUGENIA VIZEU)

Preferiras um ramo caprichoso,
De escolha rara, e de um concerto fino,
Onde visses o cacto purpurino,
E os nevados jasmins do Tormentoso.

Em vez do ramo exotico e oloroso,
Casto recreio d'esse olhar divino,
Aceita, Eugenia, este animal felino,
Que o meu braço subjuga vigoroso.

Tive artes de o amansar; eil-o sereno!
Acode á minha voz e ao meu aceno,
Como um jaguar á voz de um saltimbanco.

Vamos, soneto, a prumo! Ajoelhe, presto!
E á dôce Eugenia do sorriso honesto
A fimbria oscule do vestido branco.

Coimbra. G. CRESPO.

DEPOIS DO BAILE

No baile, eras formosa, e cheguei quasi a amar-te.
Uma illusão fatal cegou-me n'esse instante:
traiu-me o pó de arroz, branqueando-te o semblante,
e emprestando-te alvôr com certo engenho e arte.

Se nos cabellos teus alguem fosse oscular-te
beijaria um chinó em calva deslumbrante!
Se os dentes fossem teus!... E pedes que eu te cante,
ó sombra que eu maldigo, e vejo em toda a parte!

Eu nunca te fiz mal, não me persigas tanto;
não me fales de amor em torta garatuja;
tu não pódes amar, só podes dar quebranto!

O teu nome assentei no rol da roupa suja;
pediste versos meus, e envio-te este canto;
deixa-me em paz agora, e sóme-te, coruja!

C. DE FIGUEIREDO.

PRECE

Era na cathedral. A architectura
do interior do templo parecia
tão medonha, tão feia, e tão sombria
como a voz do remorso que murmura

do criminoso a triste lenda escura.
E o orgão solitario, que gemia
uns poemas de estranha melodia,
mais ensombrava a monacal pintura.

Lá ao fundo, ajoelhado reverente
ante a imagem d'um Christo agonisante,
assim dizia um miseravel crente:

— faze tu, meu Jesus, meu terno amante,
que eu sinta agora, de prazer tremente,
os bolsos cheios do metal sonante!

CUNHA VIANNA.

SEGUIDILHAS

I

Moças da Iberia, se um dia,
Por meu mal,
Vos disserem que morri;
Podeis crêr que a terra come
O coração mais leal
De quantos no mundo vi!

II

Podeis correr o Oriente
Norte e sul;
Que um amante mais fiel
Não o geraram por certo
As mulheres de Stambul
Nem as filhas de Israel!

III

E por mal de meus peccados,
Por meu mal,
A terra tem de comer
O maior coração de homem
Que soube com fé igual
Sorrir, cantar e soffrer!

J. Simões Dias.

UM IMPROVISO

Conhecem Violante do Céo?

Era em 1630 uma elegante senhora, de 29 annos de idade, formosissima, requestada pelos galantes da côrte, e, o que mais é, admirada por nacionaes e estrangeiros como a *Phenix* das poetisas d'aquelle tempo.

Pois bem, apesar de tudo isto, com grande assombro de todos que a conheciam, tomou o habito de freira no convento da Rosa, em Lisboa.

Deduz-se da leitura de muitas das poesias que deu á luz, que foi um despeito amoroso o que a levou a um tal desvario.

Do quanto ella amava eis uma prova nos seguintes tercetos gongoricos, que desmembrâmos d'um dos seus sonetos, e nas estrophes, subsequentes, d'uma ode que dirige ao *Pensamento:*

« Ah suspirado ausente! se esta morte
Não te obriga a querer vir dar-me vida
Como não m'a vem dar a mesma morte?

Mas se n'alma consiste a propria vida
Bem sei que se me tarda tanto a morte,
E' porque sinto a morte de tal vida! »

*
* *

« Já que de minhas queixas
A causa idolatrada vás seguindo,
Dize-lhe que me deixas,
Dize-lhe que estou morta, mas sentindo,
Que póde mal tão forte
Fazer que sinta, ai triste, a mesma morte.

« Dize-lhe que é já tanto
O pezar de me vêr tão dividida,
Que só me causa espanto
A sombra, que me segue de uma vida
Tão morta para o gosto
Como viva, ai de mim, para o desgosto!

« Dize-lhe que me mata
Quem vendo-me morrer sem resistencia,
De soccorrer-me tracta,
Pois para quem padece o mal d'ausente,
Que é só remedio entendo
Vêr o que quer, ou fenecer querendo. »

E' certo, porém, que, aborrecida da ausencia d'este primeiro amante, admittiu por mero passatempo, e como é de uso entre senhoras em

taes circumstancias, os galanteios d'um segundo namorado; o que não agradou nem a um, nem a outro, porque ambos (empregando a phrase dos recentes marialvas) lhe «passaram o pé» deixando-a entregue ao melancolico pensar das almas abandonadas.

Foi depois d'isto que professou, como dissemos, no convento da Rosa, onde, longe de se entregar ás austeridades da ordem dominicana, continuou no antigo viver, fazendo poesias que nada têm commum com as de Santa Thereza de Jesus, sua collega hespanhola; e sendo para as suas companheiras de clausura o que a antiga Sapho era para as filhas de Lesbos.

Em face d'isto, não se comprehende bem o improviso com que replicou a certo doutor, que lhe recitára uns versos em que a denominava *Viola,* flôr, e *Viola,* instrumento:

«Contradizer a um doutor,
Bem sei que é temeridade,
Porém com uma verdade
Quero pagar um louvor.
Nem instrumento, nem flôr
Sou, porém se o posso ser,
Ninguem trate de emprehender
O que não ha-de alcançar,
Pois nenhum me ha-de tocar,
Pois nenhum me ha-de colher.»

O doutor, que naturalmente seguia a philosophia de Aristoteles, ao ouvir tão inesperado final, é provavel que pensasse como nós: que as mulheres, em geral, estabelecem principios verdadeiros, mas tiram d'elles conclusões impossiveis.

JERONYMO D'OLIVEIRA.

UM BOTE

(A JOÃO PENHA)

Socega: não troquei a lyra da Vingança
Pelo dôce arrabil dos velhos trovadores,
E em nada justifico, eu penso, os teus furores,
Saudando uma mulher, beijando uma criança!

Courbet que tem pintado as corrupções da França,
Não sabes o que faz? desenha, ás vezes, flôres;
E o realista audaz, cruel, dos *Britadores,*
Na tela diminuta o braço então descança.

Oh, não conheces bem quanto eu sou generoso!
Entrega-te uma vez ao momentaneo gozo
D'um creme perfumado e um calix de *madeira,*

Que não te accusarei, João, de apostasia!
Tu és sempre o cantor que poz salchicheria,
Mas que um momento esquece a musa salchicheira!

Santarem 6 d'outubro de 74. GUILHERME D'AZEVEDO.

POBRE E CEGO

Andava pela rua, atraz d'um companheiro,
Um pobre que vivia em plena escuridão,
Ganhando algum vintem — cançado viajeiro —
Tocando uma guitarra ao som d'um violão.

Tocava com tal arte o cego guitarreiro,
O fragil instrumento, em face á multidão,
Que muita vez lembrava um sonho passageiro,
O *fado* que trinava a emmagrecida mão.

E quando dedilhava as cordas afinadas,
Tirando da guitarra uma harmonia pura,
Do seu olhar sem luz cahiam ás bagadas

As lagrimas que chora a triste desventura;
Pagava o pobre a esmola em notas inspiradas...
O cego... esse, chorava a eterna noite escura!

1875. ALFREDO CAMPOS.

POBRE MONARCHA!

Nos bons tempos da fé, das crenças pias,
Tu que fôras ungido pelo Eterno,
Em loucas bacchanaes, cesar moderno,
Feliz passavas da existencia os dias.

Hoje choras o tempo das orgias,
E repelles a taça do falerno!
E' que ouves perto as legiões do inferno,
Os sangrentos chacaes das monarchias.

E tremes ante a plebe outr'ora escrava,
Ante essa arraia vil das classes nuas,
Que ao mundo velho a sepultura cava!

Oh rei! n'um tôrvo pélago fluctuas...
Que destino cruel! Bem te bastava
O triste mal das hemorrhoidas tuas!

22 de março. JOÃO PENHA.

ULTIMAS LINHAS

Hesitámos sobre o titulo que dariamos a esta publicação, mas a final decidimo-nos pelo de *Republica das letras*.

Effectivamente, se escolhessemos o de *Monarchia absoluta das letras*, diriam nos cafés que, adoptando nós um regimen que a sciencia não tolerava e a civilisação repellia, além de desfraldarmos aos quatro ventos da terra o pendão exclusivo das escólas do passado, pretendiamos, de mais a mais, transformar os bons cidadãos portuguezes em vassallos das nossas letras, obrigando-os, sob pena de forca, a lerem com enthusiasmo e reconhecimento as nossas *Monarchias absolutas*.

Ora todos sabem que odiâmos tyrannias.

Se escolhessemos o de *Monarchia constitucional das letras,* teriamos de nos sujeitar ao principio das eleições populares; e os nossos leitores bojudos mandar-nos-iam, como representantes das letras, os burguezes mais analphabetos; — e as nossas leitoras, os janotas mais bonitos.

E nós, os prosadores e os vates da *Monarchia constitucional,* seriamos, uns, — corretores de praça; outros, — cambistas d'amores.

Communa das letras, era um bom titulo. Representaria um systema, cujo principio fundamental: — «a cada um segundo a sua capacidade, a cada capacidade segundo as suas obras» — sendo a glorificação do trabalho, deveriamos aceitar. Receiamos, porém, que algum membro da escóla satanica, abusando espiritualmente da semelhança euphonica da palavra *communa* com outra, que as nossas leitoras desconhecem, nos quizesse desconceituar aos olhos dos simples de espirito, que adoram escurrilidades de baixa esphera.

Decidimo-nos, em consequencia, pelo de *Republica das letras.*

Os nossos leitores, versados na historia de quantas republicas, imaginarias e reaes, tem existido na face da terra, desde as de Lacedemonia e Creta, até ás de França e Andorra, fizeram, de certo, um confronto entre os principios que as regeram, e os que devem reger uma collectividade litteraria, e por consequencia approvaram a nossa escolha.

As nossas leitoras, porém, que sabem das theorias de Moore, Campanella, Warville, Saint-Simon, Diderot, Saint-Just, Fourier e quejandos, a respeito das mulheres, talvez se arreceiem de nós, julgando-nos sectarios d'essas theorias lamentaveis.

Aqui juramos que não. Novissimos cavalleiros da Madre-Silva, e dignos da ala historica de Mem Rodrigues, nós e os nossos collegas, seremos vistos em breve, em justas e torneios, de fraque azul e monóculo no olho, a quebrar lanças, maiores que faias, em prol das nossas damas, e dos nossos futuros amores.

Por tanto, não se arreceiem de nós.

A poesia que hoje publicamos, intitulada *Um bote,* de Guilherme de Azevedo, não póde comprehender-se claramente, sem que trans-

crevamos do *Cenaculo,* excellente revista de litteratura, que vê a luz publica em Lisboa, os seguintes versos:

A UM RENEGADO

DA POESIA SOCIAL

Vate, que odeias as brizas!
Não ceifes na seara alheia:
Já que sofraldas a Ideia,
Não requestes Cidalisas.

Prosa e verso tem balizas:
Tu na prosa és de mão cheia;
Explora por tanto a veia
D'essas cousas que nos guizas.

Deixa-me o velho Collares,
E as brancas musas sem tosse,
E o paio dos meus cantares.

Respeita-me a lyra e a posse
D'estes assumptos vulgares:
Respeito ao doutor Pangloss!

Mas, contemos a historia desde o principio.

Em tempos que não vão longe, vira o sonoroso poeta das margens do Tejo, em certo baile, uma criança de 18 annos, mais formosa do que nenhuma das senhoritas que Sevilha e Cadix mostram cheias de orgulho ás nações estupefactas; — e desde logo o rigido cantor da *Alma Nova,* deposta a lyra das odes solemnes, se foi para as margens do mar susurrante, e no reconcavo d'um penedo, carcomido pelas ondas, com voz melliflua e dôce cantou os olhos escuros da menina encantadora.

O poeta do sonetilho, que nos mesmos lugares divagava solitario em procura da Ursa Maior, ouvindo o cantar da nova sereia, ergueu vozes de reprovação, assumindo o aspecto de censor intemerato.

D'aqui o soneto do philosopho enamorado.

Mas um bote... falso d'um mestre d'esgrima, em verso, é como um leve sopapo, vibrado pela mão d'uma senhora gentil: são duas cousas adoraveis: se os versos são bons, se a mão é elegante e bella.

Temos em nosso poder alguns livros, que obsequiosamente nos foram enviados, e de que hoje não podemos fallar aos nossos benignos leitores, por falta absoluta de espaço.

São, entre outros: *O Crime,* do poeta satyrico, de Freixo de Espada á Cinta, Guerra Junqueiro; — os *Meteoros,* de Guiomar Torresão, a musa distincta, que sabe escrever umas prosas de poeta, sem macular os dedos perfumados na tinta das cousas vulgares; e finalmente as *Viagens* (Hespanha, e França) e os *Thesouros d'arte,* do nosso collaborador Luciano Cordeiro, uma das mais robustas intelligencias da moderna litteratura portugueza.

As *Recordações,* que hoje publicamos, farão parte do segundo livro de *Viagens,* o qual se acha em via de publicação.

Mas, silencio! que os nossos leitores já dormem.

João Penha.

Summario

I	Introducção	*João Penha.*
II	A poesia lyrica em Hespanha	*J. Simões Dias.*
III	A gallinha da visinha (conto)	*Augusto Sarmento.*
IV	Deus te pague! (poesia)	*M. Duarte d'Almeida.*
V	Recordações de viagem	*Luciano Cordeiro.*
VI	Láis moderna (poesia)	*Alfredo Campos.*
VII	Ácerca dos carrilhões de Mafra	*Alberto Telles.*
VIII	Flôr dos meus jardins (poesia)	*G. Crespo.*
IX	Depois do baile (poesia)	*C. de Figueiredo.*
X	Prece (poesia)	*Cunha Vianna.*
XI	Seguidilhas (poesia)	*J. Simões Dias.*
XII	Um improviso	*Jeronymo d'Oliveira.*
XIII	Um bote (poesia)	*Guilherme d'Azevedo.*
XIV	Pobre e cego (poesia)	*Alfredo Campos.*
XV	Pobre monarcha! (poesia)	*João Penha.*
XVI	Ultimas linhas	*João Penha.*